

Francisco Castelo

POESIA
a c i d e n t a l

Francisco Castelo

POESIA
a c i d e n t a l

Ficha Técnica

Título: Poesia Acidental
Autor: Francisco Castelo
Género: Poesia
Editor: Edição de Autor
Local de Publicação: Lagos
Data de Publicação: Maio 2022
Depósito Legal: 500031/22
Tiragem: 120

Impresso por: Gráfica Comercial – Arnaldo Matos Pereira, Lda.
Zona Industrial de Loulé, Lt. 18
8100-272 Loulé
geral@graficacomercial.com

O AO90 é incompatível com a poesia

*Levantei-me, fazia frio
Ainda era noite, via mal
Tropecei, entornei o bacio
Fiz um poema accidental*

COI

DESTA POESIA

Nestas andanças da poesia
Nunca pude ou quis acreditar
Pois seriamente me parecia
Pouco improviso e mais calcular.

Culpada foi a velha escolástica
Que me enfiou Petrarca e Camões
A lírica e a épica em orgástica
Goela adentro até aos pulmões.

Solta-se a verve sem tarimba
Mas digo verdades, não minto
A forma não é mais que pimba
O conteúdo, esse, é o que sinto.

CUPIDO

Com sua flecha fatal armado
Cupido de lestras asas me atinge
Deixando-me logo desamparado
E com uma jovem de gentil sorriso
Me convence, traquinas, a brincar

Mas ela das minhas rugas desdenha
E de brincadeira, apenas finge
Ser ora conspícua, ora atrevida
Procurando outra alma para amar
Olhando novo pateta, embevecida.

ENTRE NÓS DOIS

Entre nós dois as palavras em silêncio
Entre os dois um só a sentir
Entre nós dois um claro fremir
De um, apenas um, num intenso pulsar

Na tua boca um murmúrio
Que cala a palavra TER
No teu sorriso uma promessa
No meu haver, o teu ser

Havia de, nas minhas, segurar a tua mão
Havia de calar, nos meus, os teus lábios
Havia de olhar, fundo, nos olhos
Havia de preencher o teu coração.

DOCE MURMÚRIO DE ESPUMA

Doce murmúrio de espuma
suave refluxo de mar calmo
rasgando entre as pedras da baixa-mar
que finos raios de prata reflectem do luar
como cabelos teus flutuando
que libertam odores de ti
num breve abrir dos teus lábios
e dos olhos um ténue pestanejar
em teu sabor de amar

sonha o seixo que rebola
pela areia molhada na tua direcção
animado de espiritual emanção
ganham vida as coisas
pensando que são seres
desejando celebrar-te
como a que irradia vida
no teu toque de menina
pura, cristalina e divina.

RENDO-ME

Voas...lesta, corpórea mas etérea
Passas por mim num ápice
Num momento fugaz, que não me deixa alcançar-te
Imprimes na minha mente o teu sorriso
Fulminante, firme... dominador

E passas, ora para lá, ora para cá
E por vezes voltas a face, esse rosto lindo
Sempre coroado pelo belo sorriso sedutor
E olhas, olhas-me... ou olhas o infinito
Em direcção a outro ser, talvez
Para lá de mim, para além de nós
E perco-me depois, quando não estás
Na memória de ti, condensada em dor

Passas por mim, voando... veloz
Sorria-te. Mas tu não sabes que te sorria
E ao meu peito volta o grito, de novo... atroz
Mais tarde, quando o mundo se suspende
No final de um existir, no fim de mais um dia

Eu, que por momentos, errado, pensei que podia esquecer
O toque da tua mão, o teu olhar
Coisas que supus não deverem saudade
Mas este sentir, sendo palpável, certo, real... ou imaginado
Regressa e impregna-me todo o ser, sufoca-me, submete-me

Oh deusa, rendo-me!

IGNORAS-ME

ignoras-me tu, luz do dia
não me respondes, não me ligas
é medo, repulsa ou maldade?
espero todos os dias uma palavra
apenas uma
simples
como um olá
ou um bom-dia

e esse silêncio de chumbo
que voga pelos dias
é grito de prata, ensurdecedor,
na calada das noites

porque me ignoras assim,
se só quero um sorriso?
apenas.

ignoras-me tu, luz do dia
não me respondes
não me ligas
é incómodo, ridículo ou jogo?
espero todos os dias uma palavra,
apenas uma

e nesse silêncio de chumbo
que voga pelos dias
e nessas noites em que o silêncio de prata
grita, e o meu peito se aperta
afogo a multidão de vozes de ouro
que me murmuram o teu nome.

MORRER POR MORRER...

Ando pensativo e tristonho
Por causa desta melancolia
E só tu podes mudar tal sonho
Em momentos de alegria

Nesse teu olhar de menina
E sorriso de vestal divina,
Trazes o azul que me enleia,
Contigo, do oceano, ó sereia.

E adoro-te assim tanto e tudo
Nesta triste e magoada situação
Deste sentir sublime, mas mudo
Como poeta que ama a paixão.

Num ardente e estéril deserto
Salva-me a tua imagem, alívio
Sinto o teu perfume bem perto
E já quase morto volto a vivo.

Ai, esse teu sopro, que delícia
Assim tão suave mas tão forte
Que faz renascer numa carícia
A minha alma quase à morte.

E a lua em noite de céu estrelado
Escuta os meus suspiros contidos
Nas labaredas deste fogo ateadado
Que queima silêncios e gemidos.

A minha sede em ti se saciaria
Nas infindas noites de agonia
Em que ora prendes e escravizas
Ora me soltas e dás alforria.

Parar de te adorar é morrer
Como o é parar de tal coisa dizer
Como o é parar de assim te escrever
Pr'a mim tudo isso é morrer

E morrer por morrer
Morra por ti, por algo fazer
Morra por te ter ou não ter
Mas não morrer mudo e a sofrer

Estar por um sonho apaixonado
É nunca alcançar o almejado
Pois é grande e má aposta
Gostar de quem gosta da gente
Mas que por azar não gosta
Como queremos que goste realmente.

NA AZENHA

Tu, debruçada no varandim
A camisa molhada alva de cetim
E o meu olhar em ti fixado
Ora inocente ora culpado
O pano tapando do seio a metade
Mostra o mamilo erecto apontado
Ao riacho que corre urgente
Como o meu querer nos labirintos do ser
Arrebatado com a água suspensa no ar
Poalha das rochas que sobem do leito
E a visão celestial do teu sorriso
Radiosa neste amanhecer perfeito
E bebo da tua cristalina formosura
Que acalma o fogo que trago no peito
Saciando por instantes a imensa secura.

GLOSANDO COISAS ARCAICAS

Menina,
Meus olhos ficam tão tristes
Quando escondes o teu sorrir
Que nunca tão tristes vistes
Janelas, assim, do sentir

Menina,
Ficam meus olhos tão tristes
Saudosos do teu sorrir
Que nunca tão tristes vistes
Em tão profundo penar
Olhos que te vêem ir
Esperando o teu voltar

Tão tristes e infelizes são
Que não mais querendo ver
Param, até, o coração
Olhando adentro do ser.

A FOICE DOIRADA

lado a lado
na sombra dos choupos
na margem da ribeirinha
olhos semi-cerrados
deixando entrever
reflexos prateados ondulantes
quais farrapos de sol algarvio
que a ramagem coa
para as ondas saltitantes
da água serpenteante
entre seixos lustrosos
encostada a mim
reclinados na margem
sobre manta de retalhos
que cada quadrado
evoca um serão serrano
cosido à lareira
de histórias antigas
em noite
sem fim
uma mão percorre-te
na outra a foice sagrada
da coxa detêm-se no ventre
quente
palpitante
de emoções
que te fecham
as janelas da alma
colando as pestanas
e a cabeça descai-te
no meu ombro

suavemente
provo os teu lábios
enquanto
num ramo mais alto
um guarda-rios trauteia
uma melodia
preenchendo-te-me os vazios
e eu
druida no bosque
por vezes homem
noutras fauno alquimista
enlaçado na árvore que és
como cada mulher
transformo-te-nos a tristeza
numa alegria presente
que não deve ao passado
e nada espera do futuro
esse devir que não existe
pois não é mais do que agora
visto de ontem
e essa criação
é a alegria momento
com que me
toco-te
por dentro e por fora
levando a foice doirada
a beijar
o imenso verde
dos teus olhos.

APENAS UMA PALAVRA

Espero uma palavra
simples
pequena
inocente.
Que não chega.

E porque não chega
o vento Norte sopra-me
incessantemente
o teu nome.

E na noite estéril e desértica
olham-me os teus olhos
repetidos aos milhares
brilhando no firmamento.
E a palavra não vem
essa simples palavra
qualquer.

Sopra repetido
o vento Norte e
perdido na imensidão da terra
esqueço-me de mim.
Mas nunca me esqueço de ti.
Nem dessa palavra que tarda.

Mesmo aqui
tão longe do mar
escuto o marulhar das ondas
que se perdem na areia da praia
e também elas
me murmuram o teu nome
ao infinito.

Uma palavra apenas
saída dos teus lábios.
Uma palavra simples
pequena e inocente
que não chega.

Mesmo aqui
tão longe do vento Sueste
consigo ouvi-lo
açoitando as rochas
e empurrando o mar para ti.

Também ele repete o teu nome.
Peço ao vento Norte
que vai para o Sul
que te diga
para me mandares
uma palavra...
simples
pequena
inocente...
uma palavra qualquer.

SE VIESES HOJE

Se tu viesses ver-me hoje
movidá por suave toque de loucura
E me tocasses com os teus lábios
com desejo e desenvoltura
com muita graça e desconfiança pouca
e me prendesses num abraço de sentimento
com os teus beijos e o teu sorriso
Se tu viesses linda e louca
entraria no Paraíso.

DESEJO-TE

Desejo o teu corpo suspenso no meu
As tuas mãos presas nas minhas
Desejo os teus lábios em fogo
Acalmando os meus, ardentes
De desejo, por ti

Desejo a tua voz murmurando as palavras
Todas as palavras deste amor imperecível
Todos os sons longamente aprisionados
Os sons do desejo, do prazer, do ser

Desejo-te intensamente
Beijando-te a fronte, o seio, o ventre
Desejo-te, descobrindo-te, toda
Percorrendo-te o corpo desejado
Suspendendo o sopro vital
Parando a existência
Parando o tempo

Desejo-te
Enrolando-me nas voltas do teu cabelo
Estreitando-te nos meus braços
Mergulhado num afago doce de lábios
Encostados no teu peito, palpitante

Desejo-te de dia
Desejo-te à noite
Desejo-te a cada hora
Desejo-te agora.

POEMEMO-NOS

Deitados estão os corpos.
Estendo a pena e toco-te, levemente
Estremecendo um corpo, dois... os três
Num arrojo de volúpia propagada
Qual onda sísmica gerada.

Debruçado, detenho os lábios
Sobre a triangular delta delicada
E responde em agonia a tua pele suave
No calor húmido dos meus lábios arrepiada.

E um suspiro livre liberta outro
Como eco de um só desejo à vez
Dividido, ou multiplicado, por três.

O dedo, essa pena de poeta
Inscreve sinusóides nos corpos
Jazentes, adjacentes, ardentes.

E neste escuro ambiente
Eleva-se o claro coro dos gemidos
De desejos, há muito, contidos
Vogando como pássaros
De uma gaiola fugidos
Que nas paredes imaginárias
Embatem tontos, entorpecidos.

Procurando decantar o sentir
Perco-me nos sentidos
 Numa ânsia inútil
 De sintetizar o imaterial
Esquecendo que ao momento
 Pertencem as emoções
 E que só elas nele contam
Pois que os pássaros não cantam
 Ao longo das quatro estações
E as flores não subsistem eternamente
 Nas suas policromas decorações.

 E os olhos, essas estrelas
Que o firmamento emprestou
 Para sinalizar rotas, e vê-las
 No universo, como faróis
 Quedam-se cerrados
Deixando a outros sentidos
 O sentido da navegação
 Por entre ilhas e atóis
 E pelos corpos siderais
 O teu, o dela, e este meu
 Naves espácio-temporais.

 E gravito em torno dos vossos corpos cósmicos
 Como satélite em perigosa espiral descendente
 Prestes a despenhar-se.
E emito um grito ensurdecador, inaudível... urgente.
 Poememo-nos!

NOS TEUS OLHOS O UNIVERSO

Nos universos que me habitam
encontrei os teus olhos escuros
num edifício enorme
sobranceiro ao mar
de ondas revoltas
que se quebram
nas minhas mãos
provenientes dos confins
dos universos que habito

Encontrei-te ontem
e antes disso
sorríste também
mas não era alegria
e sim apreensão
nervosismo, receio
de te perderes
nos universos que me habitam

És apenas uma miúda
que tudo vê de um só ângulo
ainda não aprendeste a coragem
de quem caminha na chuva
de quem não teme molhar-se
de quem não estremece com trovões
encolhida, nada adianta
o universo tudo contém e absorve
tudo molha e tudo seca
como o universo que habito
nos teus olhos escuros.

MEIAS VERMELHAS

Num fim de tarde de Verão
tropecei numas meias vermelhas
que guardavam duas lindas pernas

Estavas deitada no areal
e essas meias vermelhas
de um vermelho vestal
eram como farol no escuro
indicando como porto seguro
o teu corpo tão alvo e puro

E tu olhaste para mim
olhando triste os meus olhos tristes
por não saberes o que sentir
por nada poderes sentir

Sabes...
o que dói não é a vida sem ti
é a vida depois de ti
porque o depois não tem fim.

COMO UMA BORBOLETA

borboleta esvoaçando
entre ramagens e folhas
cirandando raios de sol
pairando visível agora
logo em sombras oculta
planando em cores de asa
em círculos e hipérboles
de ternura matinal
aproximou-se
poisou nos meus lábios

·
suspendi a respiração
não era borboleta
era um beijo teu
afinal.

DUAS COISAS

Duas coisas neste mundo
Eu gostava de possuir
O teu olhar doce e profundo
E o teu modo gentil de sorrir

Não dizes que gostas de mim
E se gostas, eu nunca senti
O teu gosto é outro, isso sim
Gostas é que eu goste de ti.

FOSSE EU PINTOR

Fosse eu pintor e criava-te
desenhando os teus olhos
com dois traços a boca
uma pincelada, o ventre

E fazia-te jovem, bela
e eterna
desenhada na mais profunda nudez
com alma pura descoberta
os olhos brilhantes
a fronte ardendo em rubor
e a boca, assim, entreaberta
dedicando beijos de amor
a sucessivos amantes.

PAIXÃO

paixão
não é mais
que exaltante ilusão
que a maravilhosa irracionalidade
nos impõe, de supetão
em qualquer idade.

UMA GOTA

mais do que uma gota
tem a água na mão em concha
ou a que corre no rio
e a que o mar contém
toda ela
porém
é parcela ínfima
do sentimento
concentrado
numa lágrima
súbita
que vem.

TARDE, MUITO TARDE

Tarde, muito tarde
No cedo do meu despertar
E cedo, muito cedo
No tarde de te encontrar.
E depois, tu, num passar constante
Iluminada em mil luzes de néon brilhante
Marcavas o espaço a tracejado fulminante.

E eu parado, expectante
Rodopiei fundo no prazer delirante
De te tomar nos braços e tornar-me mutante
Só para mergulhar de mansinho nesse sorriso deslumbrante
Como quem vive na emoção em passo lento, mas vibrante.

E por momentos fui alado,
Imaginando voar contigo lado a lado
Em passo de valsa ritmado
No compasso de um olhar geminado
Pelos ares do mundo navegado.

E, por fim
Rendi-me assim... abandonado
Nesse sonhar de estar acordado
Sob um céu imensamente iluminado
Pelo brilho que do teu ser é emanado.

Tarde, muito tarde
Foi este sentir revelado
E agora para o fundo do ser vai guardado
Substituído por um querer sentir renovado
Em simples e terna amizade sublimado.

FUMOS

do cachimbo sai
um calor que invade
expelindo-me a alma
em volutas de fumo
que se libertam
equilibrando nelas
a vida

e nesse receptáculo
o prazer da inspiração
melancólica e alegre
da livre escolha
entre luminosidade
e clandestina presença
cresce de/em mim.

no teu silêncio
que não tem hora
para não estar
como o meu imenso pesar.

ERAS TU

Eras tu e era eu
num vórtice de ternura
e não coisa diferente
em tempo suspenso no presente
era o que construía na mente

Eras tu e era eu
querendo, igual ao meu, o sentir teu
numa relação simples, nada atrevida
como a luz natural
no céu azul da vida

Eras tu e era eu
os dois sorrindo
de nada mais que simpatia
era isso simplesmente
e apenas isso o que queria.

Porém, sem saber
da nossa semelhança
descuidei e comprometi
mesmo com a perseverança
naquilo que procurava em ti
esse pouco que havia perdi.

Mesmo longe de mim
afastada do olhar e do sentir
sem poder de novo sorrir
continuo a gostar de ti, assim.

ESCU TO-TE

Escuto os teus movimentos, o teu respirar
escuto o que pensas, como se te ouvisse falar
ouvindo-te mexer nisto e naquilo
e os teus dedos no teclado a teclar

Fico impressionado e penso
se tudo o que és e fazes
é assim por mim escutado
como não hei-de aceitar
ficar tão maravilhado?!

SONHO

um sonho
vindo de longe
nem sei de onde
em asas de borboleta
que são olhos
teus
olhando os meus
e entrando
no meu coração

Sofro
mas não desperto
não acordo
imerso nesta fantasia
esqueço a amarga realidade
mas não evito a angústia
que me invade
e desgraçadamente
refém desta saudade
suspiro por ti
desesperadamente.

Sinto
a dor deste sentir
não correspondido
como te é votado
e assim desiludido
num coração magoado
sinto-me só e perdido
quando afinal
desejo apenas, amizade.

AUSÊNCIA

a razão a travar-me
a angustia e as lágrimas
ou o mistério dentro de mim
a dor presente na memória
nas trevas, na noite
na ausência de ti.

QUEM ÉS?

Que partilhas a minha vida
O bom e o mau?
Quem és, que esperas os meus beijos e carícias?
Quem és tu?
Que quando escolho um caminho
Não podes ser ausência, nem distância?
Quem és tu, que quando sofres
Me entristeces?
Quem és tu
Que estás sempre ao meu lado
Como parte de mim?
Quem, no dia a dia
Me atura, me afaga, me apoia?
E quando preciso de um corpo
Para juntinho ao meu juntar?
Quem mo vem dar?
E quando
As minhas desilusões
Intelectuais
Sentimentais
Temperamentais
Me fadam o pensar
Quem está perto
Para me ajudar?
Quem me ajuda
Ali estando
Simplesmente
Por estar?
E assim, porque o coração manda
Junto estas palavras, em poema
Para a Nanda.

OS NOSSOS CORPOS

Os nossos corpos frente a frente
São por vezes borboletas
E a noite o céu onde voam

Os nossos corpos juntos
São por vezes longas lianas
E a noite a árvore que enrolam

Os nossos corpos ligados
São por vezes relâmpagos
E a noite a tempestade que iluminam

Os nossos corpos lado a lado
São por vezes frias pedras
E a noite o deserto onde jazem.

caput

ADORAÇÃO

Adoração, apenas, seria?
Amor, amizade ou paixão
Houve, há ou havia?
Dentro do meu coração
As coisas são como são
Não aquilo que eu queria.

AO AMANHECER

Na neblina viscosa e húmida
vejo o fantasma de um barco
caravela de muitas descobertas
perdida na vastidão das águas
ao amanhecer.

Num momento de contemplação
observo-a voando em linha recta.
Linha imaginada no centro do rio
ao amanhecer

Nessa hora ainda difusa e húmida
que em mim traduz a solidão
observo a gaivota que voa
e ela prende-me com um laço
ao céu, ao rio, à memória de ti
outrora ancorada no meu ser
ao amanhecer.

AMIZADE

Começo por tentar transformar tudo em palavras.
E assim se ficam, apenas palavras.
Palavras que não sabem dizer tudo.
Palavras que não conseguem reduzir os sentimentos.
Sentimentos vorazes de ternura, carinho e amizade.
Amizade indefinida, deformada nas vertigens de um ser alado.
Ser alado, complexo, com asas que brincam no vento.
Vento que sopra as nuvens e empurra um anjo.
Anjo expulso, revoltado, que decide tocar-te.
Tocando-te solta o teu, e o dele/meu sorrisos.
Sorrisos cúmplices... de amizade

Onde deixaste esquecida
A parte que em ti buscava?
A sensibilidade do ser
O sopro de qualquer vida?

Em horas para sempre esquecidas
Com a bela lua no céu iluminada
Em que a memória de ti me dava alento
Como o sol a uma flor na alvorada
Acreditava na simples felicidade
Do teu sorriso poder contemplar
Numa partilha entre amigos

Num simples e inocente relacionar
Mas, iludido, não sabia que fugias
Num profundo desconfiar

E eu, num aperto de alma atroz
Buscava no teu silêncio as respostas
Sem te ver, sem ouvir a tua voz
E esta paixão, assim, tão delicada
Querendo uma amizade desejada
Mas para ti incompreendida
Deixa a minha existência desolada

Onde deixaste esquecido
Aquilo que em ti procurava?
A capacidade de ser amiga
De quem de ti tanto gostava?

MELANCOLIA

às vezes entristeço-me por um qualquer motivo
outras vezes sem motivo algum, apenas absorto
vindo de dentro de mim, porque sou ser vivo
ou pelos males deste mundo com defeito e torto

e vem a tristeza de uma palavra ou de um gesto
dos que têm um amor mas desconfiam continuamente
ou dos que têm um relógio e correm desalmadamente
quando há tanto que fazer e não se pára para ler, nem rir
nem ouvir música, nem brincar, nem mesmo para sentir

e assim, neste deserto de alma, um sentimento é bem-vindo
até um entusiasmo, uma melancolia ou uma paixão
qualquer sentimento, quer fique chorando ou rindo
qualquer coisa é boa, até uma simples e fugaz emoção

e assim ao sentir algo sinto uma alegria
e sentindo, sinto a vida nova e revitalizada
porque triste, triste mesmo, é não sentir nada.

MELANCOLIA II

Ando pensativo e tristonho
Por causa desta melancolia
E só tu podes mudar tal sonho
Em momentos de alegria

Nesse teu olhar de menina
E sorriso de vestal divina,
Trazes o azul que me enleia,
Contigo, do oceano, ó sereia.

E adoro-te assim tanto e tudo
Nesta triste e magoada situação
Deste sentir sublime, mas mudo
Como poeta que ama a paixão.

Num ardente e estéril deserto
Salva-me a tua imagem, alívio
Sinto o teu perfume bem perto
E já quase morto volto a vivo.

Ai, esse teu sopro, que delícia
Assim tão suave mas tão forte
Que faz renascer numa carícia
A minha alma quase à morte.

E a lua em noite de céu estrelado
Escuta os meus suspiros contidos
Nas labaredas deste fogo ateados
Que queima silêncios e gemidos.

A minha sede em ti se saciaria
Nas infindas noites de agonia
Em que ora prendes e escravizas
Ora me soltas e dás alforria.

Parar de te adorar é morrer
Como o é parar tal coisa dizer
Como o é parar assim escrever
Pr'a mim tudo isso é morrer

E morrer por morrer
Morra por ti, por algo fazer
Morra por te ter ou não ter
Mas não morrer mudo e a sofrer

Estar por um sonho apaixonado
É nunca alcançar o almejado
Pois é grande e má aposta
Gostar de quem gosta da gente
Mas que por azar não gosta
Como gostaríamos realmente.

CEGO

Cego nesta emergência
de ver, ouvir e fazer
de histeria
que roda as horas na velocidade
do ponteiro dos segundos
preso no tempo do Tempo.
na inquietude que impede olhar o horizonte todo
punindo a felicidade de admirar o belo
no cimo do monte.
e apressa as pernas, erradamente trémulas
na descida aos vales
luxuriantes
doces
...
ais
...
regresso ao tédio
repetindo-me
cego.

SENTINDO NA TRISTEZA

às vezes entristeço-me por um qualquer motivo
outras vezes sem motivo algum, apenas absorto
vindo de dentro de mim, porque sou ser vivo
ou pelos males deste mundo com defeito e torto

e vem a tristeza de uma palavra ou de um gesto
dos que têm um amor mas desconfiam continuamente
ou dos que têm um relógio e correm desalmadamente
quando há tanto que fazer e não se pára para ler, nem rir
nem ouvir música, nem brincar, nem mesmo para sentir

e assim, neste deserto de alma, um sentimento é bem-vindo
até um entusiasmo, uma melancolia ou uma paixão
qualquer sentimento, quer fique chorando ou rindo
qualquer coisa é boa, até uma simples e fugaz emoção

e assim ao sentir algo sinto uma alegria
e sentindo, sinto a vida nova e revitalizada
porque triste, triste mesmo, é não sentir nada.

SONHEI UMA VELA

Sonhei uma vela
Na extensa baía
Para lá da janela
Sonhei que partia

E o vento sopra tanto
Impele-me a partir
Desejando o horizonte
Querendo, apenas, ir

No sonho de navegar
Venço a adversidade
Parto, sem esperar
Deixando a cidade

Vou no barco à vela
Que me faz acreditar
Que no fim da viagem
Outro sonho irei tocar

No mar azul ondulante
Vai a branca vela içada
Que em mim navegando
Não pode ser afundada

Vogando em mar aberto
Entre o barco e o céu
Dou o sonho por certo
Toco, afinal, o sonho teu

Este imaginário barco
É um desejo que solto
Só não sei quando parto
Muito menos quando volto.

TELHAS

de topo ou corredeiras
humildes ou sobranceiras
novas, gémeas, indistintas
aparam a água da chuva
o calor, o frio e o vento
criando as cicatrizes do tempo
velhas, cheias de ranhuras
já não abrigam tudo mas
algumas, estancam nas crostas
o cair repetido das agruras
mas serão, ainda, telhas
protegendo bem ou mal
que tenham o presente?
ou será que, afinal
não são telhas, mas gente?!

CATAVENTO

Gira, gira o catavento
Volteia cortando o ar
Empurrado pelo vento
Roda certo sem pensar.

Num eterno lamento
Diz-me coisas sem falar
Em segredos que conta
Num suave murmurar.

É um vento exaurido
Que parece o suspirar
De um coração ferido
Por não poder amar.

Podias ser catavento
Galo, peixe ou pavão
Afinal és uma flecha
Disparada ao coração.

E este vento amigo
Que traz o teu perfume
Faz-me sonhar contigo
E alimenta-me este lume.

Pára quieto catavento!
E deixa-me descansar
Pois que já não aguento
Todo este rodopiar.

OS QUATRO
HUMORES DO DIA

É manhã de luz suave
Ofertando esperança
A dois vivos corações
Os dois numa só dança

E chega o Sol ao pino
No ardor desta emoção
Rodopia em desatino
Tão magna exaltação

Ai, co'as sombras da tarde
Arrefecido esse olhar
De fogo que já não arde
Vejo o fim a aproximar

E à noite, morto o sentir
Vai a alma desamparada
Na fé de repetido porvir
Vagueia só, tresloucada
Buscando aquele sorrir
Luz suave, na alvorada.

AMIZADE II

Amizade é sentimento
que brota dos corações
devia ser alimento
matando fome a milhões

Mas não posso alimentar
tão faminta multidão
apenas te quero guardar
num cantinho do coração

O melhor que eu senti
a maior preciosidade
foi mesmo sentir por ti
uma sincera amizade.

ESCREVER

Num silêncio de floresta escrevo
Lendo e relendo o incerto, inseguro,
aquilo que dificilmente compreendo
e me faz escrever estas palavras
obrigadas por aflições e equívocos.

A meio da noite escrevo
como um céu que se abre
mostrando estrelas brilhantes
para lá do infinito do azul
como mar que se evapora
deixando apenas o sal
sentindo-me já liberto
desta paixão que me reduziu
e agora é nuvem derramada
ainda insistindo em tapar o sol
mas que num lento adeus
declina rumo ao ocaso.

ESQUECER

Tentar esquecer-te
não será incerto desfecho?
ao não pensar mais em ti
será, porém, que deixo
de me lembrar que te esqueci?

DE POETA E DE LOUCO
NUNCA TIVE POUCO

Os que se dedicam aos versos
artífices de inusitadas visões
às musas devendo inspirados
poemas, inflamadas paixões
tantos sonhos desvairados
ilusões e ocultas ambições
advindo da noite aos poucos
suaves entre sombras e casas
revelando a todos, os loucos
sãos que voam alto, sem asas.

OLHOS DE MEL

Teus olhos de cristal cor de mel tintados de ténue sangue de azeitona
e como ela redondos e ovais suspendendo ais com castanhas amarelas
e verdes presenças tonais lembram-me pequenos berlindes presos entre
dois dedos frágeis de eu criança fitando-me vivos e descobrindo
comigo o mundo de covinha em covinha na calçada da rua.
São os teus olhos pequenos favos de colmeia que atizam o palato nesse
emanar de menina mulher de encantar.
São a doce magia do mel os teus olhos.

A BRIOSA TARTUFA

num limbo incerto
estou
e um cavalo xairelado
está
pastando languidamente
no ervascal.

e o silêncio

em contra-luz
ela
sob a xamata persa
de pé
imóvel
no limite do horto
desligada do pensamento
parada na memória
de alguém
atirado ao origma
num tempo longínquo
quando as flores
minúsculos botões
suspensos
aguardam
ainda
o raiar da luz
que as avelhenta

no outro canto
eu
ávido
de um olhar alegre
guardo
incauto
do teatro
que mulher
e cavalo
aviam
o regresso
da Lua
e a verbena
que reunirá
as bacantes.

por dentro
sorri
ela
petulante

por dentro
arrefeço
e
esqueço.

PALAVRAS

palavras gastas
sem sentido
palavras perdidas
entediantes
desconhecidas

palavras maltratadas
amputadas
escorraçadas
desprezadas
desamadas

são as palavras que jazem
nos dicionários e livros
dos modernos e dos antigos
desaprendidas e esquecidas
essas pobres palavras
nas línguas das novas bocas
imberbes, pueris e loucas

lentamente, os signos transfiguram-se em símbolos
repetidos à exaustão nesta sociedade alucinada
drogada em miragens e discursos visuais estéreis
que transformam palavras em seres hostis

mas esta pequena palavra
que ficou aqui, assim, esquecida
quieta, serenamente adormecida
em que pego ternamente
como num passarinho doente
e coloco letra a letra
dentro de mim, suavemente
sem temer qualquer perigo
guardo-a para usar generosamente
esta simples palavra “amigo”

venter

SOBREIRO

Exausto já ia de cansaço
quando o belo sobreiro vi,
verde, belo, sozinho, ali
dando sombra e frescura,
para descanso da andadura
a qualquer forasteiro,
assim está o sobreiro
que na sentida solidão
chega a desejar a ventania
que atira as bolotas ao chão
e faz dos porcos companhia.

A CORVINA QUE RIA

Entreí cedo no mercado
Não foss'a fome que tinha
Ou tivesse almoçado
Nem topari'a corvina.

Quanto custa o peixe
Que trago pouco dinheiro?!
Venda-me lá três postas
Não quero peixe inteiro.

São só dez contos de réis
É bom e tá fresquinho
Mas tem de levar todo
Não part'ó bocadinho.

Dei outras quatro voltas
E p'la corvina passava
Tava embicado no peixe
Do modo que m'olhava.

Então quanto diz custar?
É pr'almoço, não bodo
Sem dinheiro para mais
Não levo o peixe todo.

Fica em 10 mil escudos
Se não pode ser todinha
Compre peixes miúdos
Cavalas, charros, sardinha.

Empato-me na fruta
Mas volto ao pescado
Se ainda inteiro
Ou já era cortado.

Venda-me lá uma posta
Pode ser maiorzinha
Abalo já à pressa
Directo pr'á cozinha

Quero só um bocado
Pago-lhe já dois mil paus
Ou desfaleço aqui
De fome e pratos maus.

Por tal preço nem vendo
Carapau ou sardinha
Volte depois e leva
Não peixe mas espinha.

Ali me deu as ganas
Apertar-lh'o pescoço
E o pôr de patanas
Mas dava alvoroço.

Quando dali saía
Remirei a corvina
Que deitada sorria
Como linda menina.

Seria só divertido
Fosse musa a Corvina
É poema invertido
E musa é a menina.

E p'ra ver se isto passa
Vou almoçar grão com massa.

AS PAPAS DE SUA MÃE

Na mesa ainda arrumada
Em tacho meão fenece
Cálida, do fogão retirada
A papa bem cozinhada
Jaz, quente, e arrefece.

Raiada a pele em sulcos
Atrai olhares famintos
E uns apetites vorazes
De barrigas em tumultos
Comilonas bem capazes

Assim, acabadas de fazer
São estas papas de milho
Papas ca mãe oferece
Comida boa podem ver
Da mãe para o seu filho
Jaz, quente, e arrefece.

Tapo o tacho com aspas
Das papas da sua mãe
No fim... só há raspas.

FOMES ALADAS

Aquela gaivota enganada
Lá na ponta do quebra-mar
Esperando esperançada
Um barco de peixe a chegar

Mas só vem gente ociosa
É só turistas, que maçada
Pois trazem comida de prato

E a pobre gaivota nervosa
Desiste de tanto esperar
E vai ali roubar ao gato

LULAS CHEIAS

que morra a poesia
e fiquem apenas
as cascas das palavras
que rechearei
com chouriço
arroz
especiarias
e raios de cefalópode
que comerei

já que uma Lua cheia
nunca me encheu a barriga.

ARTE DOCE

Gente de cá e gente de fora
Em volta das mesas como tolos
Olham, cheiram, salivam, desejam
Andam danados pelos bolos

Para todos os gostos e idades
Há vários tipos de doce fino
Para a avó, a tia e a mãe
A prima, a mana e o menino

Há bolos em forma de barcos,
Comboios, cenouras, e gente
Bolos de amêndoa, figo, e ovo
Até de alfarroba, e com aguardente

Guloseimas para magros e gordos
Pirolitos, fritos, açúcar e mel à farta
Que raio. E nada disto faz mal?
Que os comam todos... todos
Hão-de cagar doce no final.

culus

BOTÃOZINHO

Aquele botão rosado
tão desejado
de mamilo feminino
e não de campainha em que toca e foge o menino
tornou-se de repente num outro contendo tamanha obsessão
das calças
malvado botão
teimando que não abria
e no meio da interior tormenta
a que o corado botão da flor assistia
eu
agachado
arriava intensa caganeira
ali mesmo no pé da amendoeira.

BORRAÇÃO

bebendo, bucólico
um alcoólico
chora um desamor
de coisas falsas
mas, de repente
dentro das calças
um viscoso sente.

CASTANHO CUECA

Ouvi-te quando disseste
Amor é tudo o que nos une.

Chorei.

Querida, esfreguei o cu
Na tua almofada
E deixei um risco
Castanho de Amor.

O PODER DA PUBLICIDADE

Andou por aí um homem
Que se dizia inventor genial
Trazia pomada milagrosa
Para cura do hemorroidal.

Espalhava anúncios pelas lojas
Nas igrejas, mercados e escolas
Anunciando em todo o lado
Quer fosse profano ou sagrado.

Era cartaz de papel suave
Com grafismos apurados
Mostrando tal invenção
Que resolveria a aflição.

Mas logo assim que chegava
Mesmo em povos saudáveis
Surgia mal por todo o lado
E muito cu era adoentado.

Isto espantava as pessoas
Cismando como podia ser
Tantos de esfíncter avariado
Semelhando cu embruxado.

Em vila sem casos recenseados
Reparava n cus desarranjados
E depois ia-se prazenteiro
C'os bolsos cheios de dinheiro.

Afinal o cartaz que distribuía
Em folha suave e macia
Aproveitava-os o pessoal
Para uso higieno-rectal.

Mas o papel tinha químicos tais
Que irritavam as glândulas anais
E assim, clientes do especialista
Enriqueceram o engenhoso artista.

pubes

FRAGRÂNCIAS DO VERÃO

A menina como a sardinha
Quer-se da mais gostosa
A sardinha bem fresquinha
A menina de pito rosa.

FUNDIÇÃO

sino, porque raio bateste tu?
já a deitara, a muito custo
e pregaste-me tamanho susto
que saltei pela janela nú
julgando chegar o pai agosto

ai sino da minha perdição
se me denuncias as marteladas
não darás mais badaladas
mando-te para a fundição.

SONHEI

Sonhei, bela, que em doce leito
Nos meus amantes braços te apertava,
Que nas divinas faces te beijava,
E que juntava bem o meu ao teu peito

Que da modéstia o falso nó desfeito,
Todo o lindo corpo te acariciava,
E que entre as tuas coxas aventurava
O meigo amor num encontro perfeito

Enfim, aquilo que o decoro cala
Contigo fez-me pensar que fazia
E eu gozei prazer que não se iguala

Porém, vem acordar-me o ingrato dia
E, mais rápido que vapor, se desvanece
O extasiado romance, e assim fenece.

CORPOS

São os corpos nus deitados
São corpos ora parados
Ora corpos que se movem
São corpos que se revolvem
E são corpos que se soltam
E outros que se revoltam.

São corpos nus inquietos
São corpos nus e selectos
São os corpos do ensejo
São belos, assim os vejo
São corpos só para amar
Os corpos do meu desejar.

A OSTRAS

Da tua ostra
colho
teus gemidos
fluidos
e sementes
que trago
entre dentes

Na tua ostra
enterro
a ponta
do arpão
como ferro
que perfura
teu interior
e solta
o amor

Na tua ostra
encontro
a pérola
húmida
expectante
quentinha
que te faz
tremer
gemer
e ser
minha.

COLECÇÃO
PRIMAVERA VERÃO

Entra a Primavera
Que anuncia o Verão
Do caboz à cegonha
Seja gente ou bicho
Ou tá cheio de tesão
Ou do pólen marado
Anda com comichão
Parecendo gazeado

É a Primavera chegando
no céu avoa a andorinha
e no mar brilh'a sardinha
e eu fico a ver pasmando
o fim do dia, à tardinha.

O GRELO SÁBIO

Contorceu-se milimetricamente
Em movimento imperceptível
Num espasmo de desejo ardente
Expulso pelo corpo sensível
Em orgasmo de fluido quente

E toda a sabedoria linguística
Usei para te fazer gozar
Com versos na ponta da língua
Apêndice que entrava e saía
Em poemas húmidos de amar
Lambendo na noite fria
Assim foi até me cansar
E agora cansado... faço poesia
Ouvindo um clítoris que confia:
- Fui ignorado, e por anos esquecido
Não tive prazeres até que chegaste
Agora gemo, grito e espasmo
E venho-me em delirante orgasmo
Agora, que sou um grelo falante
Qual autêntica consciência
Viverei sempre radiante
Se me beijares com ciência.

Anui.

E tranquilo, adormeci.
O grelo é sábio.

pedum

O BAILE NA ALDEIA

Harmónio ou concertina
soa ali na eira vizinha,
limpa de grão e palha,
ao fim do dia, à noitinha.

Já é hora do bailarico,
o tocador aperta ó fole
faz gemer o acordeão
a mocidade emparelhada
rodopia na bailação.

Roda, pula, não fica parado
volteia à direita e leva o par.
Assim se baila no eirado,
toda à noite até o Sol raiar.

E sucedem-se as modas,
as mazurcas, os fandangos,
vem a valsa de Odemira
mais um malhão certinho
e lá do norte soa o vira
depois volta ao corridinho.

Eia roda-viva de outrora,
ordenada pelo mandador
entoadada pela cantadeira
feita de alegrias simples
da dançarina e do bailador
no terreiro da nossa aldeia.

SÃO LINHAS

são linhas
de horizontes
de alvorecida ou entardecer
linhas verticais
coladas umas

outras montadas
com horizontais
juntinhas
sobrepostas
pesadas

são as linhas
firmes
coloridas
acesas ou apagadas

estão em tudo
estão vivas

linhas de árvore, chaminé ou quarto
linhas que crescem quando chego
linhas que minguam quando parto

são linhas que ligam interiores
de uns a outros
gente a gente
gente à cidade

são linhas de ida
e de regresso

são linhas da vida
são milhões as linhas

são minhas
são tuas

regressamos por todas
vindo por duas.

PERNAS

Pernas ligeiras, pernas sem pressa
Tortas umas, outras de sonhar
Em ruas de pernas como florestas
Vão e voltam magricelas ou roliças
Pernas que passam, pernas que ficam
Pernas ébrias, vacilantes, pujantes

Vendo bem, para que quero pernas
Se já não salto, nem pulo, e quase nem ando?!

Mas no meio dessas pernas
no cais enorme, aportam os navios
Que trazem outras pernas
de rãs, vacas, porcos e galinhas
Que eu vou comer assadas no forno
com umas batatinhas.

PLATONISMO VIOLENTO

Que mulher tão garbosa! Vê-la, amá-la,
Foi questão de momento. Alucinado,
Despenhei-me a seus pés avassalado...
Não podendo da mente mais riscá-la!

Gastei parte da vida a requestá-la,
Sentindo o meu amor galardoado
Somente com esse olhar meigo e velado,
Com que a via vendo-me indo vê-la!

Mais que a terra ama o sol quente formoso,
Mais que os anjos a Deus, endeusei-a...
Dedicando-lhe um culto fervoroso.

Não sei bem, se de amor, se de dó cheia,
Quis um dia elevar-me ao céu do gozo...
E lançou-se nos meus braços...

Desanquei-a.

VOO I

Tenho o pé inchado
De tanto caminhar
É trabalho pesado
Este corpo suportar

Agora vou descansar
Pois sinto a crescer
Asas de alado ser
E assim posso voar.

VOO II

Pedras talhadas em ângulos
reverberando a luz zenital no metal vertical
logo reflectidas nas tépidas águas.

Ali, corpo imerso e alma flutuando
aguardando o sopro
da minha boca exala um leve som

Silêncio denso
após gota que cai dentro do corpo
suspensão
imóvel
inerte no líquido que dilui
o odor a terra que se eleva
do labirinto subterrâneo
onde o ouvido escuta
as batedeiras de água
que alimentam a vida.

Ecoam flautas zoomórficas
que abrem parêntesis e resgatam estrelas
da incomensurável profundidade
do buraco negro que engoliu
perverso as minhas ilusões.

Posso voar.
Sinto-o no corpo.

Desespera-me tanta gente sossegada.

Voo.

TEMPO

Dizem que o tempo as dores faz sarar
mas há uma dor que é a dor do tempo
que nem o tempo pode curar.

Também há quem lhe chame reumático.

PROSAICA

Quem me dera ser gigante, adulto e tolerante; fleumático como um dândi enfático, e desculpar aos que sinto animais, no quotidiano triviais. Quem me dera ser, com os outros, paciente e afável. Mas não, e quando descuido sou o inverso, até deplorável. Deverei duravelmente encolher os ombros discretamente, não ouvir, não discutir e, como o tolo feliz, apenas sorrir?! Ah, como era bom ignorar, passar ao lado, toda a implicação evitar. Para mim nada querer e de mim nada dar. Ah, como era bom assim viver, sem me preocupar, sem me envolver. Seria vida embaciada, desse baço órgão filtrador, como o spleen da melancolia, evocado por Baudelaire, o escritor. Ao invés, sofro o tédio existencial de nunca estar onde quero e, quando lá estou, já não querer ali estar. Ou de não ser o que desejaria ser mas, sendo-o, assim já não o desejar. Prosaico paradoxo do ser em mal-estar é.
Ora toma lá um pontapé!

RESSONÂNCIAS

Detona o Sol em lances fundidos
E vem Lua nova na maré subida
Do caminho longo, já aturdida
Lívica, arfando, assaz cansada
Vem arrastando os pés, dorida

E sobe penosa a encosta final
Parando à porta do vetusto lar
Ajoelha lentamente, faz o sinal
Depois cai, exausta, amparada
Na sua sombra ao luzente luar

E termina o dia a ressonar.

*Leitor, acabaste de inalar uma teca de poesia kitschunga. Boa moça.
E manda às urtigas o logro da dieta mediterrânica.
Nem os porcos pretos querem saber disso.
Disso e do Acordo Ortográfico que, aliás, é a mesma coisa.*

*Padeço de agonia
O veneno me percorre
Ai, vomito poesia
Assim... como quem morre.*

A poesia kitschunga resulta da cópula do movimento kitsch com a estética chunga.

